

ensaio sobre a terra

tomás maia | humor líquido

Este opúsculo é publicado por ocasião da exposição *ensaio sobre a terra*, do colectivo *humor líquido* na Galeria Municipal de Montemor-o-Novo, de 28 de Julho a 30 de Agosto 2018

Câmara Municipal de Montemor-o-Novo
Galeria Municipal

Horário

Presidente da Câmara

Direção e Montagem

Design e Fotografia

Texto

Obrigado a
André Maranhã, Claire Nancy e Pedro Maia

A Terra vista da terra

A espécie recebeu o nome de *nascida da terra* (do *húmus*).

Os «humanos», todavia, diferenciaram-se das outras espécies porque começaram a entrar (a reentrar) na terra: a *inumar* (alguns mortos).

Humano é aquele que inuma.

Aquele que faz entrar na terra os mortos amados e venerados — e que faz entrar em si mesmo, a pouco e pouco, esses mesmos mortos. Quando se escava sistematicamente fora de si, começa-se a escavar imperceptivelmente dentro de si.

—

Chamo «inumanidade» a essa inumação íntima.

A inumanidade não é a desumanidade que grassa; é a entrada de um ausente num presente, de um morto num vivo, numa abertura que define a possibilidade mesma do humano.

(Importará ouvir «inumanidade» acentuando o prefixo *in*, não na sua acepção negativa, mas num sentido local: um deslocamento, um movimento para o interior. A humanidade incorpora o limite do ser.)

—

Foi desse limite, a que se pode dar o nome *ontológico* (e que é na verdade um vazio íntimo), que o humano tirou — como quem tira o positivo de um molde — todas as formas de cultura. A cultura é a positividade da morte.

O mesmo é dizer que o limite ontológico foi a um tempo afirmado e negado. Sobretudo face à morte própria, o homem exercita-se na *ilusão* — no sentido mais estrito do termo: faz com que a morte entre no jogo (*in-ludus*) da representação. Ao contrário porém do que já se supôs, não só a representação é inseparável do humano como a ilusão que ela faculta permite-nos tomar consciência do limite (fazendo vê-lo fora de nós). (Enganador, em contrapartida, é o excesso de ilusão que se toma por realidade e escamoteia a sua própria dimensão ilusória: o ilusionismo metafísico, religioso e mesmo artístico que os humanos edificaram.)

Haveria no entanto de manifestar-se um outro limite que nenhum jogo — ou representação — permite (permitirá) iludir.

—

Quando a palavra «terra», que designava um qualquer lugar habitável, passou, no início da astronomia moderna, a significar também um planeta (*a Terra*), foi como se a humanidade dissesse para si mesma: eis o habitat humano. Eis o nome próprio da *habitabilidade*.

Esta nomeação não impediu, todavia, a continuidade da crença de que haveria outros mundos habitáveis no Universo (quer este fosse finito ou infinito). Simplesmente esses outros mundos, a existir, seriam a morada de Deus ou de entidades divinas — antes de todos os mundos serem envolvidos no silêncio aterrador do espaço infindo, como dirá o «libertino» ateu de Pascal (a historio-cosmografia desta evolução foi exemplarmente traçada por Alexandre Koyré no seu *Do Mundo fechado ao Universo infinito*).

Mas chamar «habitável» a um planeta é traçar, no espaço, o limite inabitável (para os humanos). É iniciar o esboço do limite propriamente *ecológico* — o limite do *oikos* (habitat) humano, se não mesmo de todo o vivente.

A partir daqui, é possível propor duas hipóteses indissociáveis:

— à força de querer transgredir o primeiro limite (o ontológico), a humanidade (em rigor, uma parte ínfima da humanidade) precipita toda a espécie para a transgressão do segundo (o limite ecológico);

— a arte (a arte que procura a verdade humana: a inumanidade) dá-nos a pensar o respeito absoluto por esses dois limites — mais: dá-nos a pensar a interdependência histórica entre o limite de qualquer vida humana e o limite da habitabilidade.

Vou abordar brevemente as duas hipóteses, começando pela segunda.

—

Uma obra exemplar já aponta para a relação entre aqueles dois limites. Desse modo, ela contém duas lições sobre o inabitável (ou sobre dois inabitáveis: o da terra e o da Terra).

Na peça *Antígona*, a personagem epónima — em obediência às «leis não escritas», quer dizer, divinas — presta ao seu irmão Polínicês, inimigo da cidade, o culto funerário que lhe era negado. E, desse acto, Antígona sofre a consequência mais paradoxal e perturbadora da ordem cósmica: ser *enterrada viva*. (O mal de que padece Tebas — como indicará Tirésias — provém precisamente da vontade de Creonte tornar reversível dois «mundos»: precipitando um vivo no reino dos deuses infernais, e retendo um morto insepulto junto dos vivos.)

Podemos pensar que qualquer artista, para fazer obra, tem de algum modo de se enterrar vivo — e não terá sido um acaso se Lacan, no seminário em que fala da caverna (de Altamira) e propõe a sua leitura da mesma tragédia de Sófocles, tenha inventado uma palavra capaz de exprimir isso a partir do qual toda a arte pode surgir: *extimité*. Como quem

diz: eis a exterioridade que é íntima — como quem diz (ainda): eis o vazio que nos excede e que é o superlativo da *estima*. «Não nasci para odiar, mas sim para amar» (literalmente: para «partilhar o amor», *symphilein*), diz a jovem virgem, pouco antes de ser enterrada (v. 555). Mas isso condu-la, como se sabe, a um intervalo que confunde a vida e a morte projectando-a para um lugar-limite que é propriamente invivível (onde ela acaba, com efeito, por morrer — não cabendo aqui discutir o seu possível suicídio).

E é a primeira lição a que aludi: podemos — e devemos — assim pensar que Antígona leva demasiado longe a sua paixão pelos mortos e que, por isso mesmo, não faz obra. Ela é a transgressão, o excesso mas também a insolência (a *hybris*) em pessoa. Ela transpõe voluntariamente o limite do ser, encarando o impossível como um lugar habitável. Tudo se condensa numa réplica que ela lança à cara de Ismena, a irmã temente e tardiamente arrependida: «Não te preocupes, pois: tu vives! Já a minha alma há muito que morreu, para vir ajudar os mortos» (vv. 559-560). Desprovida de *oikos*, Antígona confunde o leito nupcial e a câmara mortuária.

Em contrapartida, o artista, esse enterrado-vivo involuntário, é de cada vez *desenterrado* pela sua obra (pelo seu fazer-obra). Ele serve-se necessariamente de uma mediação: de uma testemunha que ateste sobre o inabitável. E tal é o supremo ensinamento ético da arte: a única experiência possível do limite ontológico não é a morte (própria); é, antes, a segunda nascença (a nascença que *vem* de uma morte, sim, mas da morte de um outro em nós — que não superamos). É a origem do *mythos*, quer dizer, no fundo, da arte.

—

Depois há a palavra inesquecível do coro: à face da Terra, o que há de mais *tremendo* (prodigioso, hábil mas também assustador: *deinon*) é o ser humano. Este pode fazer tudo e, por isso mesmo, a sua potência é a de

fazer nada (e de produzir o nada à escala planetária). A potência humana — o poder-fazer-tudo que contém o nada — tanto nos pode conduzir ao bem como ao mal. Em três versos (364-366), ao homem é lembrado o limite do saber (e do saber-fazer).

*Tendo um saber engenhoso
em técnicas ultrapassando tudo o que se espera,
ele tanto se encaminha para o mal como para o bem;*

«um saber engenhoso em técnicas ultrapassando tudo o que se espera»: o que era somente uma advertência grave do coro, tornou-se uma evidência civilizacional.

E é a segunda lição sobre o inabitável. Longínqua mas nitidamente, a arte adverte-nos: se não nos confrontarmos com o limite inabitável, se não o representarmos enquanto tal, enquanto invivível e no fundo enquanto possibilidade do mal, então será este mesmo mal que nos governará a todos devastando a Terra. Tornando-a, em suma, integralmente inabitável.

Tal é, na verdade, o facto civilizacional com que os terrestres estão confrontados vinte e cinco séculos após a composição de *Antígona*. Após o texto que encena o gesto que guarda (ou salvaguarda) a civilização: enterrar um próximo; mas, também, após o texto que já nos situa cruamente face ao horror da mesma civilização.

—

Que dados serão hoje precisos alinhar sobre a ultrapassagem do limite ecológico? A nova extinção em massa de espécies? O degelo acelerado do Ártico? O dióxido de carbono atmosférico acima dos 350 ppm? A desflorestação intensiva? A acidificação dos oceanos? A destruição do ozono estratosférico? O esgotamento dos combustíveis fósseis?

As mudanças no regime das chuvas e no padrão dos ventos? A desertificação das regiões tropicais? A elevação do nível médio dos mares? O declínio da biodiversidade? A chuva ácida? A cinza nuclear? O envenenamento radioactivo? As marés negras?...

A tragédia ocidental (quer dizer, desde há muito, mundial) não é só antropológica, social, histórica e política; ela é geológica, climática e ecológica. Afecta — e afecta irreversivelmente — o único habitat cósmico que conhecemos.

Foi preciso chegar ao século vinte, e foi preciso que a guerra se tornasse *mundial*, para se evidenciar a interdependência do limite humano da vida e do limite vivível da Terra. Durante a Primeira Guerra, Freud afirmara: «Não devemos nós confessar que, com a nossa atitude cultural perante a morte, vivemos psicologicamente acima da nossa condição e deveremos, portanto, renunciar à mentira e declarar a verdade?» E concluía: «Suportar a vida é, e será sempre, o primeiro dever de todos os viventes. A ilusão torna-se sem valor, quando de tal nos impede.» (*Considerações actuais sobre a guerra e a morte*, II.)

Continuando a iludir a nossa relação com a morte, passámos a viver também ecologicamente acima das condições materiais da Terra. E o mal deixou de ser somente intra-espécico (em rigor, nunca deixou de sê-lo, mas o limite inabitável não era imediatamente perceptível ou mantinha-se distante); ele é agora inter-espécico e atinge a generalidade das espécies.

—

Já sabíamos que o Ocidente, na sua demanda metafísica de uma identidade substancial, era um programa mortífero e mesmo suicidário. Mas não suspeitávamos que o suicídio da espécie poderia arrastar consigo a morte das outras espécies e o colapso biofísico do planeta.

A interdependência entre os dois limites acelerou-se, desde a chamada Revolução industrial, com o sistema económico-financeiro que cobre a integralidade da Terra. Quanto mais o capital se infinitiza, mais o planeta se mostra finito; quanto mais nos é imposta uma lógica de produção infinita de mais-valia e de exploração infinita dos recursos, mais se exhibe a finitude da habitação terrestre. E mais a vida dá sinais de que é inapropriável.

Não sei se o homem reconhecerá a tempo o elemento que une os dois limites (o ontológico e o ecológico), a saber, um terceiro limite: *o limite das suas próprias ilusões*. Poderá ser *tarde demais* (como ensinam todos os tragediógrafos gregos). É que já é a própria Terra que se está a tornar monstruosa (*deinon*, ainda), rebelando-se como uma fera ancestral contra o seu suposto soberano caçador ou domador.

—

Que pode a arte fazer? Pode — e deve — fazer aquilo que sempre fez. *Ensaaios sobre a terra*.

Ensaaios sobre a vida humana e — inseparavelmente — sobre a possibilidade de habitar a Terra. Para tal, a arte não precisa (se é que isso é possível) de se proclamar «arte ecológica», ou «política», ou «comunitária»... Basta que seja *arte*. A ideia de «arte» é anterior a estas categorias (a estas distinções categoriais).

A arte mostra que a vida não pertence ao humano *porque ela mesma, a arte, é uma das raras actividades in-humanas*. A arte ensina que é o humano que pertence à vida — à vida que o excede intimamente — e não o inverso. E a arte visual exprime o ponto de vista, não de um sujeito (dito «artista»), mas da própria vida sobre si mesma. Como se a arte nos desse a ver a vida através de um olho exterior e íntimo: inumano. É preciso voltar

a ver a Terra do ponto de vista da terra — e mesmo de um ponto de vista interior à terra (o que a arte sempre fez, repito, a começar pela pré-história).

Se não quisermos aceitar isto, se nos obstinarmos a ser proprietários da vida, então a Terra poderá implodir muito antes da derradeira explosão do Sol.

Tomás Maia

Anabela Mota

Ana Mata

Catarina Domingues

Marta Castelo

Nádia Duvall

Sara Belo

Teresa Projecto

Carolina Rodrigues

humorliquido.colectivo@gmail.com

humorliquido.com

